***OS PAPÉIS SOCIAIS COMO FORMA DE ALIENAÇÃO EM RAHEL JAEGGI***

*Resumo*: Este projeto tem como objetivo entender a dinâmica de apropriação de papéis sociais como dimensão da autoalienação na obra *Alienation* de Rahel Jaeggi. Nos orientaremos a partir da seguinte pergunta: Quais os principais contornos de uma apropriação não alienada dos papéis sociais? Para tanto seguiremos o seguinte trajeto: inicialmente, pretendemos recuperar o conceito de alienação a partir da retomada do caminho que a própria autora apresenta ao abordar as obras de Hegel, Marx e Heidegger. Em seguida, sempre guiados pelo fio condutor apresentado pela autora, pretendemos dar ênfase na análise de uma dimensão específica da alienação, a saber, a autoalienação. Finalmente, procuraremos investigar o modo com que Jaeggi descreve o processo de apropriação dos papéis sociais como uma forma de autoalienação. Com esse percurso de análise pretende-se reunir elementos para responder a pergunta que guia esse projeto.

Palavras chave: Rahel Jaeggi; Autoalienação; Alienação; Papéis sociais.

**SOCIAL ROLES AS A FORM OF ALIENATION IN RAHEL JAEGGI.**

*Abstract*: This project aims to understand the dynamics of appropriation of social roles as a dimension of self-alienation in the work Alienation by Rahel Jaeggi. We will be guided by the following question: What are the main contours of a non-alienated appropriation of social roles? Therefore, we will follow the following path: initially, we intend to recover the concept of alienation from the resumption of the path that the author herself presents when approaching the works of Hegel, Marx and Heidegger. Then, always guided by the guiding thread presented by the author, we intend to emphasize the analysis of a specific dimension of alienation, namely, self-alienation. Finally, we will seek to investigate the way in which Jaeggi describes the process of appropriating social roles as a form of self-alienation. With this analysis path, we intend to gather elements to answer the question that guides this project.

Keywords: Rahel Jaeggi; Self-alienation; Alienation; Social roles.

*Introdução*

O tema mais amplo desta pesquisa é o estudo do conceito de alienação, tendo como base a obra *“Entfremdung: zur Aktualität eines sozialphilosophischen Problems”* de Rahel Jaeggi, publicada originalmente em 2004, na Alemanha, e traduzida para o inglês em 2014 sob o título *“Alienation”.* O objetivo mais específico será investigar a autoalienação como dimensão particular que lida com a distorção na apropriação de papéis sociais. Para isso, serão analisados aqueles passos em que Jaeggi apresenta uma reconstrução do conceito de alienação, sempre dando ênfase aos aspectos que ajudam a responder a pergunta: quais os principais contornos de uma apropriação não-alienada dos papéis sociais?

Para isso é necessário termos em mente que a alienação aparece na obra de Jaeggi como *relação de falta de relação*, como apresentaremos mais abaixo, dividida entre três aspectos, a saber, a alienação de si ou autoalienação, a alienação do outro e a alienação do mundo. Ela se dá através da “[...] incapacidade de estabelecer uma relação com outros seres humanos, [com] às coisas, [com] às instituições sociais”. Contudo, pode-se observar uma vasta diversidade de [...] fenômenos que podem ser associados com o conceito [de alienação]” (JAEGGI, 2014, p. 04). Assim, é central na obra de Jaeggi que a alienação não se dá apenas pela falta ou inexistência de relação do sujeito para com o mundo ou o outro, mas sim por um distúrbio[[1]](#footnote-1), ou empobrecimento dessa relação.

Uma relação alienada é uma relação deficiente (*deficient relation*) para consigo mesmo, para com o mundo e para os outros. Indiferença, instrumentalização, reificação, absurdo, artificialidade, isolamento, falta de sentido, impotência – todas essas formas de caracterizar as relações em questão são formas dessa deficiência. Uma característica distintiva do conceito de alienação é que ele não se refere apenas à impotência e à falta de liberdade, mas também ao empobrecimento característico da relação consigo mesmo e com o mundo (JAEGGI, 2014, p. 06).

Assim, como mostra o trecho acima, alienação implica em formas distintas de perda de relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Entretanto, este projeto, trata de investigar o conceito de alienação mais precisamente, como distúrbio na apropriação de papéis sociais. Vale destacar desde já, que a apropriação dos papéis sociais não são naturalmente alienantes e, mais do que isso, eles podem aparecer como algo benéfico na vida dos indivíduos. Contudo, para tanto não podem haver *distúrbios* na apropriação. Tais papéis são anteriores aos sujeitos, mas apesar disto, tendem a ser maleáveis e podem (e devem) estar em constante reconstrução por parte dos agentes que os apropriam. O distúrbio relacional que leva a apropriação de papéis a ser alienante se dá quando este papel apresenta certa *rigidez* em sua estrutura. Isso impede o sujeito de reconstruí-lo ou de moldá-lo de acordo com suas características próprias, e o impede de apropriar-se de outros papéis simultaneamente, fazendo com que este sujeito encontre-se preso à este único papél.

No entanto, antes de entrarmos, de fato, na questão dos papéis sociais, vamos retomar o fio construído por Jaeggi ao reconstruir algumas das abordagens teóricas do conceito de alienação que são decisivas em sua obra. Esse itinerário nos fará apresentar, ainda que de maneira breve, alguns dos principais aspectos que a filósofa julga estarem implicados no processo de alienação.

*A tradição do conceito de alienação em Hegel, Marx e Heidegger segundo Jaeggi*

Existem várias características relacionadas ao empobrecimento das relações que podem ser levadas em conta para construção desse trabalho. Por isso é fundamental retomar aqui a forma com que Jaeggi aborda os contornos com que o conceito de alienação fora interpretado. Assim, sempre seguindo o trajeto construído pela autora, vamos destacar as linhas gerais com que três autores abordaram essa questão: Hegel, Marx e Heidegger. Não se trata, vale insistir, de retomar as abordagens que cada um desses autores fizeram sobre o conceito, mas sim de trazer aspectos do que Jaeggi considera relevantes nestes para sua própria análise. Nesse sentido, segundo a autora, a alienação é tomada por Hegel a partir de uma ótica essencialista, por Marx a partir das relações com o trabalho e em Heidegger, por sua vez, o tema é abordado a partir de uma herança mais ligada ao existencialismo.

Jaeggi afirma que “[...] a alienação tornou-se, a partir do século XVIII em diante, uma cifra usada para comunicar a ‘incerteza, fragmentação e divisão interna nas relações dos seres humanos consigo mesmo e com o mundo que acompanhou o crescimento da industrialização” (JAEGGI, 2014, p. 06). Mesmo que tal ideia venha a ser fortemente apropriada por Marx em sua crítica ao capitalismo, à modernidade, e à elaboração de sua teoria da alienação, retomaremos, de início, o pensamento de Hegel que também entende o conceito de alienação como um processo de divisão interna e “[...] perda da universalidade ética na vida social” (JAEGGI, 2014, p. 08). Sendo assim, já podemos observar aqui o surgimento de um distúrbio na vida social dos sujeitos.

Segundo Jaeggi, Hegel também entende que a “[...] modernidade seja caracterizada pela alienação, [pela] fragmentação da consciência moderna [e] a separação do “particular” e do “universal” nas relações dentro de uma sociedade civil” (JAEGGI, 2014, p. 08). Ou seja, Hegel promove a relação constante entre o sujeito e as instituições sociais como um meio do sujeito se encontrar a partir destas, e por isso, “[...] ele localiza o cerne do problema na clivagem entre indivíduos e a sociedade, ao invés da perda individual de si mesmo através da sociedade” (JAEGGI, 2014, p. 08). A partir disto, o agente racional possui plena capacidade de reconhecimento e da apropriação do mundo ao redor.

Jaeggi aproxima-se do ponto de vista hegeliano no que diz respeito a esta capacidade racional do sujeito de apropriar-se do mundo ao afirmar que “[...] a ausência de impedimentos alienantes e a possibilidade de se apropriar de si e do mundo sem tais impedimentos é uma condição de liberdade e autodeterminação” (JAEGGI, 2014, p. 36). Com isso, uma relação não alienada parece estar amparada pela capacidade e qualidade das apropriações promovidas pelo sujeito para consigo mesmo, para com o outro e para com o mundo.

Para além da análise hegeliana, centrada na capacidade do espírito humano, Jaeggi também se debruça sobre como Marx considerou os principiais contornos da alienação. Nesse momento, ela chama atenção para crítica marxiana sobre as relações de trabalho, sobre o sistema capitalista e as apropriações de mão de obra como “[...] agentes causadores das relações que alguém tem, ou deveria ter, consigo mesmo e com o mundo (seja o mundo social ou natural)” (JAEGGI, 2014, p.11). Vale destacar, que estas relações alienadas/alienantes, no pensamento de Marx, ocorrem a partir das relações de trabalho derivados do sistema capitalista. De acordo com Jaeggi (2014, p. 15), o autor aponta para tais *perturbações* das relações sociais como uma forma de “impedimento da apropriação dos próprios poderes essenciais externalizados”. Ou seja, o trabalhador é fragmentado e assim impedido de externalizar suas potencialidades através de seu trabalho, o que o torna alienado “[...] do produto de seu trabalho; [...] da sua própria atividade; [...] daquilo que Marx, seguindo Feuerbach, chama de *species-being[[2]](#footnote-2)*; e [...] de outros seres humanos” (JAEGGI, 2014, p. 11). A interpretação de Jaeggi condiz com o que Marx aponta nos *Manuscritos econômicos e filosóficos:*

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (MARX, 2004, p.81)

É importante ressaltar que investigamos a alienação a partir de três dimensões, a saber, a alienação de si, a alienação do outro e a alienação do mundo. A partir disto, Marx entende, segundo Jaeggi, que em todos estes aspectos o ponto de partida é o mesmo, as relações de trabalho. É a partir destas relações distorcidas de apropriação, promovida pelas relações de trabalho, que o sujeito se aliena de si, do outro, e do mundo. O maior escândalo desse tipo de alienação é que ela ocorre a partir de algo que o próprio sujeito/trabalhador produziu. Sobre a visão marxiana do conceito, de acordo com Jaeggi, “são nossas próprias atividades e produtos, instituições e relações sociais que nós mesmos produzimos que se transformam em um poder estranho” (JAEGGI, 2014, p. 12).

As teorias de Hegel e Marx acerca da alienação partem de um viés essencialista, porém, cada um a sua maneira. Segundo Jaeggi, Hegel aponta para uma “[...] fragmentação da consciência moderna” (JAEGGI, 2014, p.08) e para a necessidade do sujeito de se encontrar através das instituições sociais como meio de superar uma relação alienante. Ele quer dizer, portanto, que a alienação parte de uma ruptura ou fragmentação interna, o que remete a um afastamento da própria essência. Marx, por outro lado, apesar de partir do mesmo pressuposto de que a alienação ocorre a partir de uma divisão interna do sujeito, coloca como centro dessa problemática às relações de trabalho sustentadas pela apropriação da produção do trabalhador.

No entanto, Jaeggi traz uma terceira possibilidade de interpretação acerca do conceito de alienação, que parte de um viés majoritariamente existencialista, e é representado, fundamentalmente por Heidegger. O autor entende, segundo Jaeggi, que o mundo se dá a partir de “relações significativas” (JAEGGI, 2014, p. 16), ou seja, não existe uma verdade dada, ou pré-estabelecida. Portanto, as relações, os objetos, somente existem e são compreensíveis porque nós, como seres racionais, estabelecemos funções e contextos em que eles podem ser funcionais. Como, por exemplo, um “[...] martelo existe como algo “para martelar” e somente nesse contexto é compreensível como tal” (JAEGGI, 2014, p.17). Assim, Jaeggi define a alienação para Heidegger como uma “[...] falha [em] apreender o mundo como a totalidade do que é dado e não como uma prática contextual” (JAEGGI, 2014, p.16). Nesse sentido, destaca a autora:

Em contraste com Marx, Heidegger não concebe as relações humanas com o mundo como um processo de produção. Em vez de começar da ideia de que o mundo está sendo produzido através do trabalho, Heidegger começa com uma análise de um “ser-no-mundo” anterior, que o leva ao que pode ser considerada uma versão existencialista da tese de Marx sobre a prioridade da práxis (JAEGGI, 2014, p.16).

Por isso, o mundo se dá, a partir da leitura que Jaeggi faz do pensamento de Heidegger, através de suas relações com os sujeitos. O autor ainda entende que “[...] nos encontramos sempre já agindo dentro dele (mundo); nós já estamos sempre relacionados a ele praticamente” (JAEGGI, 2014, p. 16). Ou seja, alienação para com o mundo, em Heidegger, não ocorre pela quantidade da relação, mas pela qualidade, visto que o sujeito está em constante ação dentro deste mundo. Por isso Heidegger entende que, mesmo um sujeito alienado, possui sua relação com o meio, visto que “o mundo para a ontologia existencialista é um contexto que emerge em nosso tratamento prático com ele” (JAEGGI, 2014, p.16).

Para compreender a alienação no pensamento de Heidegger de maneira mais abrangente “[...] é importante compreender a relação entre o que está “presente à mão” (present-at-hand) e o que está “pronto à mão” ou “pronto para uso” (Ready-to-hand) que são duas formas de se relacionar com o mundo” (JAEGGI, 2014, p.17). Neste ponto já temos claro que, o que atribui valor e significado às coisas, às pessoas, e às relações é a nossa própria capacidade racional de atribuir-lhes tais valores e significados. O que o autor defende, no entanto, é que estes valores existem independentemente de uma relação imediata, ou seja, o martelo não possui significado apenas quando alguém está martelando com ele (presente à mão), visto que ele possui o mesmo significado, quando ninguém está o usando, mas ele se apresenta pronto para ser usado (pronto à mão).

Dado o exposto, Jaeggi insiste que na interpretação existencialista de Heidegger sobre a alienação “[...] nossas relações consigo mesmo e com o mundo são igualmente primordiais” (JAEGGI, 2014, p. 18). Assim, a principal característica de um sujeito alienado, nesse caso, é a inautenticidade e refere-se a uma falha em apreender que, bem ou mal, ele lidera sua própria vida, porém esta lhe parece estranha por estar adaptada a uma concepção exterior do que o seu “eu” deveria ser. E é justamente “O modo de ser “deles” a fonte da perda do “eu” que Heidegger chama da inautenticidade” (JAEGGI, 2014, p. 20). “Eles”, no entanto, essa concepção de mundo compartilhado, da inclusão na sociedade, é inevitável a partir do momento em que “sempre existimos publicamente, [e] que somos forçados a nos entender de dentro de uma interpretação pública” (JAEGGI, 2014, p. 20). Porém, ao mesmo tempo, o “eles” é uma criação nossa, somos nós que, a partir das relações significativas, atribuímos valor a isto, fazendo com que “[...] o que nós mesmos criamos volta-se contra nós e nos afeta como algo estranho” (JAEGGI, 2014, p. 20). É justamente por isso que Jaeggi entende a interpretação de Heidegger como uma visão existencialista da teoria da alienação de Marx, pois, se na obra marxiana o produto do trabalho se volta contra o próprio trabalhador que o produziu, na interpretação de Heidegger são as próprias criações relacionais que se voltam contra o sujeito.

Assim, a partir dos elementos trazidos pela reconstrução das análises feitas por Hegel, Marx e Heidegger, é possível estabelecer um pano de fundo mais amplo para investigar como a autora busca formular as implicações que a alienação traz para compreensão dos papéis sociais.

*Alienação segundo Rahel Jaeggi*

Partindo do trajeto de investigação percorrido por Jaeggi, principalmente no que diz respeito à herança existencialista de Heidegger, entendemos que o sujeito se constrói, majoritariamente, a partir de suas relações com o mundo social. A busca pela identificação da alienação aparece “[...] como um conceito crítico que visa diagnosticar ou iluminar precisamente um fracasso, ruptura ou impedimento da relacionalidade constitutiva dos agentes sociais, que sempre estão em relação ao mundo social e a si mesmos” (ALLEN, MENDIETA, 2018, p.11). Isolar-se do mundo social, consequentemente, leva a uma relação alienante, não apenas para com o mundo, mas para consigo mesmo e para com o outro. Contudo, esse isolamento não conduz o sujeito a uma não-relação com o mundo, mas reduz esta relação à uma condição perturbada e defeituosa.

Desta forma, podemos dizer que o ambiente social exige do sujeito a capacidade de apropriar-se do mundo que o rodeia. Para que este não viva uma relação alienante, é necessária tal capacidade de apropriação. Contudo, a superação deste distúrbio não garante a felicidade por si só, um sujeito não alienado sofre, assim como qualquer outro, com contradições internas e divergências pessoais. No entanto, por estar imerso em uma relação não defeituosa (ou menos defeituosa) saberá gerenciar de maneira mais adequada os seus impulsos e desejos conflitantes, familiarizando-se com suas próprias contradições e tentando superá-las. Tal superação dá-se a partir de processos de apropriação bem sucedidos, os quais apenas são possíveis em uma relação sujeito-mundo também bem sucedida, visto que: “a apropriação não-alienada requer a extensão do eu ao mundo de maneiras que tornem o processo contínuo de auto-formação inteligível para a pessoa, estabelecendo uma unidade hermenêutica em que a pessoa pode se ver como um sujeito contínuo de uma narrativa de vida” (ALLEN, MENDIETA, 2018, p. 33).

Na construção de sua própria teoria acerca do conceito de alienação, Jaeggi ressalta importância dos processos de aprendizagem nas formas de vida do corpo social, ou seja as relações de apropriação do sujeito. Este processo se dá a partir de crises e conflitos, assim como uma relação não alienada só é possível quando, a partir das apropriações benéficas promovidas pelo sujeito, ele consegue botar em consonância as suas próprias contradições e desejos internos, visto que a “alienação significa para Jaeggi obstruções à realização do que se deseja” (FUCHS, 2016, p. 156). Ou seja, superar os conflitos e contradições em um nível individual, pode levar a uma forma de vida não alienada; à um nível coletivo, leva a um processo de aprendizagem. Como a autora destaca:

Concebendo os processos de aprendizagem como uma questão prática e coletiva, deve ser óbvio que esses processos de aprendizagem não são processos no nível de insights individuais ou melhorias morais individuais. É a experiência coletiva de uma certa formação social que (refletida retrospectivamente) dá lugar a uma mudança de atitude e um conjunto de mudanças sociais práticas e instituições que refletem as falhas e erosões das práticas e instituições que foram superados. No nível que tenho em mente, os processos de aprendizagem são fatores sociais multifatoriais, processos que emergem de experiências de fracasso e de uma dinâmica de crise (JAEGGI, 2018, p.131).

Contudo, todo processo de aprendizagem, assim como a possibilidade de diagnóstico de alienação perpassa a capacidade plena do sujeito em apropriar-se do mundo e lidar com suas contradições. O próprio estado de não alienação e autonomia apresenta contradições, visto que “somos autônomos (ou não alienados) através de nossas relações com o mundo, o que também significa que somos dependentes e independentes ao mesmo tempo” (JAEGGI, 2018, p.150). A independência do sujeito autônomo se dá em um ambiente mais individual, em sua capacidade de reconhecer-se em suas próprias decisões e desejos. Sua dependência, no entanto, se dá frente à necessidade de sua relação e apropriação do mundo. O sujeito autônomo e independente, para realizar-se, depende de uma relação bem sucedida com o mundo que o cerca e consigo mesmo. Reforçando esta ideia, Jaeggi afirma:

[...] não acho que levar uma vida não alienada possa ser equivalente a levar uma vida boa ou feliz, nem pode ser igual a ser justo ou moralmente exemplar. Um estado de não-alienação não nos faz feliz apenas por si só, e certamente não nos proporciona felicidade. Se a alienação é um obstáculo à liberdade (e autonomia, amplamente compreendida), o conceito de alienação investiga não apenas o que nos impede de viver bem, mas, mais importante, o que nos impede de colocar a questão de como queremos viver de maneira apropriada. Em outras palavras, o que está em jogo são as próprias pré-condições para viver “menos errado” ou viver uma vida boa, mas não a vida boa ou justa (JAEGGI, 2018, p.151).

De todo modo, Jaeggi aponta para o conceito de alienação como um processo mais amplo e mais complexo do que apenas um distúrbio nos processos de apropriação dos sujeitos. A autora apresenta uma relação alienante como uma *“relação de falta de relação[[3]](#footnote-3)”.* Porém, essa relação de falta não remete à inexistência de relação, mas a qualidade dela. Identificar os problemas dessa relação, contudo, depende da identificação do contexto em que ela se encontra e o porquê desta relação ter se tornado alienada/alienante.

Jaeggi resgata o pensamento de Heidegger, para afirmar “que somos forçados a entender a nós mesmos de dentro de uma interpretação pública”(JAEGGI, 2014, p. 20). Ou seja, o “eu” de cada sujeito é completamente variável, inexato e relacional dentro de uma esfera pública e coletiva, conforme Jaeggi destaca: “o eu é uma relação. Não surge autossuficiente por si só, mas é fundamentalmente relacional” (JAEGGI, 2014, p.165). Por ser “fundamentalmente relacional”, o “eu” de cada sujeito precisa estabelecer processos bem sucedidos de apropriação sobre o mundo e sobre o outro, pois “uma auto-relação formada pela negação ou abstração da influência de outras pessoas é ilusória” (JAEGGI, 2014, p. 219).

A alienação na obra de Jaeggi pode surgir também como resultado da indiferença do sujeito em relação ao mundo. Podemos observar que aqui reside, provavelmente, o maior grau de proximidade entre “alienação” e “autoalienação”, visto que, para Jaeggi, “podemos ser alienados apenas de coisas que estávamos anteriormente conectados”, assim, quando alguém se encontra em completa desarmonia com absolutamente tudo que o cerca, e se sente indiferente em relação a tudo e todos, com certeza isso trará “consequências para sua relação consigo mesmo”(JAEGGI, 2014, p. 133). Quando um sujeito torna-se indiferente ao mundo, distancia-se dele e torna-se alheio ao corpo social, não pode se sentir realizado ou ter identificação com nada ou ninguém, o que pode desembocar em “[...] uma estrutura de falta de significado da própria vida”(LINS, 2016, p.140). Isso porque para que exista qualquer sentimento de autorrealização do sujeito dentro do corpo social, ele dependeria necessariamente de um tipo de relação com o próprio corpo social.

A partir deste exemplo a definição de alienação de Jaeggi como *“relação de falta de relação”* adquire maior consistência. Pois, afastar-se do mundo por completo, partindo dos princípios mobilizados pela filósofa, não leva o sujeito a simplesmente desenvolver uma não-relação, mas sim uma relação de incompletude para com o mundo, com o outro e, consequentemente, consigo mesmo. Neste caso, “a auto-alienação deve ser compreensível como alienação do mundo e, inversamente, alienação do mundo deve manifestar-se como auto-alienação”(JAEGGI, 2014, p. 134). Há aqui, mais uma vez, a “ausência de apropriação do mundo e um mundo não-apropriado é, essencialmente, um mundo alienado”(LINS, 2016, p.141). Se o sujeito indiferente não se reconhece ou se identifica com o mundo ao seu redor, consequentemente ele será incapaz de reconhecer a si mesmo dentro deste corpo social.

Por fim, ao investigarmos a alienação a partir das três dimensões mais específicas já citadas, de acordo com o pensamento de Jaeggi, todas parecem partir de uma mesma gênese, das *relações de falta de relação.* Essa relação defeituosa, por sua vez, ocorre através de distúrbios nos processos de apropriação do sujeito para com mundo. Uma má apropriação dos valores do mundo, leva o sujeito a um sentimento de indiferença e distanciamento deste mundo, uma vez distante do mundo, o sujeito vê-se distante do outro, e se “[...] somos forçados a entender a nós mesmos de dentro de uma interpretação pública” (JAEGGI, 2014, p. 20), ao nos distanciarmos do outro, nossa própria autoconcepção é distorcida.

*Autoalienação como limitação da apropriação de papéis sociais, perda de controle sobre si mesmo e incapacidade de auto-identificação*

Entendemos que o núcleo desta pesquisa é investigar a alienação dando ênfase a uma dimensão particular, a saber, aquela que lida com a deficiência na apropriação de papéis sociais. Jaeggi aborda a questão dos papéis sociais chamando atenção para relação do sujeito para com os papéis em que ele atua. Nesse sentido, a autora questiona se a relação sujeito/papél é diferente da de um ator de teatro que, ao término de sua encenação, deixa sua personagem de lado e volta a ser o próprio ator. Trazendo este exemplo para o âmbito social, quando um professor deixa a sala de aula e chega em casa, ele deixa de ser um professor e passa a desempenhar um papél particular de seu “eu”próprio?

Para tornar clara a visão de Jaeggi no que diz respeito a esta questão, é necessário ter em mente que a autora entende que este sujeito não possui um “eu” dado, ou pré estabelecido, mas que este “eu” se dá através das relações do sujeito para com o mundo, com os outros e para consigo mesmo. Levando em conta essa constante possibilidade de remodelação do “eu”, as teorias de Hegel e Marx que apontam para uma ruptura, ou divisão interna, acabam por se afastar do pensamento de Jaeggi, pois, se não há uma essência pré-estabelecida, não há do que se dividir. Contudo, isto não impede o sujeito de desenvolver uma relação de autoalienação através da apropriação dos papéis sociais.

Sobre isso, ressalta-se que um indivíduo pode desempenhar diferentes papéis sem que isso o leve a desenvolver uma relação alienante. Retomaremos o exemplo do professor, entendemos que ele precisa desempenhar um papel de maior formalidade ao apresentar um seminário ou dar uma aula, que não necessariamente é o mesmo papel que desempenha em sua casa ou com seus amigos, ou seja, um papel de menor grau de formalidade. Contudo, desempenhar tais papéis não significa, necessariamente, que este professor estaria alienado, pois, apesar destes papéis serem anteriores aos homens que os apropriam, eles são moldáveis e só existem a partir dos homens e desta constante remodelação de acordo com suas próprias características.

Deste modo, os papéis sociais podem limitar ou possibilitar diferentes tipos de relação. Como no exemplo citado, trata-se de uma apropriação benéfica dos papéis. Mas “os papéis são perigosos quando eles moldam alguém, para que não haja mais espaço para ele passar por diferentes papéis” (JAEGGI, 2014, p.90). O problema não se encontra no fato de desempenhar papéis, mas na maneira como são apropriados e desempenhados. Por isso, a apropriação destes só pode ser benéfica quando o indivíduo que o representa possui um poder de articulação sobre ele, e não quando o papel limita as ações deste indivíduo. Lins (2016, p. 134), ao observar as propostas de Jaeggi sobre o tópico, ressalta que “o sujeito não é o papel que exerce, tampouco é alguém por trás do papel, mas o espaço entre a linguagem dos papéis e os modos de articulações possíveis”*.*

Nesse sentido, em uma má apropriação, o sujeito encontra-se em “uma relação perturbada consigo mesmo*”* e, a partir disto, torna-se alheio às suas próprias “ações, desejos, projetos ou crenças”(JAEGGI, 2014, p. 48). A autora aponta ainda que, a causa da autoalienação é dada no mundo social. Como já dito, ao sermos forçados a nos entendermos dentro de uma esfera pública, e a partir disto, construímos e reconstruímos o nosso “eu”, somos submetidos a nos apropriarmos de diferentes papéis sociais, para nos adequarmos à diferentes contextos e situações. É por isso que “em situações onde o comportamento [através] de um papel é exigido, todos nós às vezes sentimos como se estivéssemos "fora de nós", como se "nossas cordas fossem puxadas por poderes desconhecidos”, nós nos perdemos” (JAEGGI, 2014, p. 69).

A auto-alienação neste espectro aparece na obra de Jaeggi “como um sintoma que surge na ausência da possibilidade da apropriação de papéis”(JAEGGI, 2014, p.68). Ou seja, quando um papel impede o indivíduo de se apropriar de diferentes tipos de comportamento, mesmo que esse seja seu desejo. Este tipo de papel, geralmente é carregado de tantas pré-condições que o tornam rígido, o que dificulta o seu processo de apropriação. Isso pode resultar em uma condição de que quem o apropria, ao ficar preso em sua rigidez, passa a não se reconhecer mais fora deste papel, e sequer desempenhar outros tipos de papéis, limitando suas características e levando-o a uma relação de autoalienação.

A filósofa apresenta também a relação de autoalienação a partir do sentimento de impotência e de perda de controle das próprias ações e da própria vida. Neste exemplo, a relação autoalienante “é analisada em um caso que demonstra a sensação de que processos da vida tomaram uma dinâmica própria, independentemente do autor deles” (LINS, 2016, p.131). Entende-se que esse processo alienante pode vir a ocorrer a partir de alguma mudança na vida deste indivíduo mesmo que esta tenha sido uma escolha própria. Jaeggi (2014, p.52) exemplifica este tipo de empobrecimento relacional com o caso de um homem, que possuía o costume de frequentar a vida noturna de sua cidade e que, após se casar, e da gravidez de sua esposa, encontra-se imerso em um estilo de vida que não parece mais lhe pertencer. Isso porque ele abandonou sua vida noturna, sua carreira ficara em segundo plano para dar espaço a uma rotina familiar completamente diferente da qual estava habituado.

Tomar decisões não é suficiente para viver uma vida própria. Em vez disso, é preciso ser capaz de tomar decisões que também possamos entender como algo a ser guiado por desejos e impulsos com os quais podemos nos identificar. [...] Liderar a própria vida significa seguir adiante com projetos que perseguimos de maneira autodeterminada [...] e com que podemos nos identificar afetivamente (JAEGGI, 2014, p. 201-202).

A partir do distúrbio desta relação, o homem “se sente um objeto e não um sujeito da própria vida, em uma espécie de distorção, impedimento ou não-realização da liberdade positiva” (LINS, 2016, p.131). Contudo, este impedimento da manifestação de liberdade se dá, não porque fora manipulado ou forçado a tomar as decisões que tomou, mas porque ele não vê, ou de alguma forma é impedido de ver, que a vida em que vive, que lhe parece alheia, é produto de suas próprias decisões. Portanto, este indivíduo se encontra em uma relação de autoalienação devido a uma deficiência em apropriar-se do modelo de vida gerado a partir de suas próprias escolhas. Jaeggi entende que a “apropriação é um processo de aprendizado e experiência em que a relação entre liberdade e incontrolabilidade é negociada. Reciprocamente, a alienação é uma interrupção deste processo”(JAEGGI, 2014, p. 64).

De todo modo, para Jaeggi o “eu” é relacional e pode ser remodelado para a (re) apropriação de diferentes papéis dentro do corpo social. Assim, durante a vida do sujeito, ele passará por inúmeras mudanças dentro de sua própria personalidade, e pode acabar por desenvolver tais deformidades nos processos de apropriação. Por isso, podemos “dizer que nem todos os desejos que uma pessoa possui são delas mesmas simplesmente porque ela os tem. É preciso se identificar com eles [...] para que eles sejam possuídos de fato, de um modo significativo” (LINS, 2016, p.137).

Dado o exposto, esse projeto de pesquisa pretende investigar, de modo mais amplo, a complexa rede de relações que termina produzindo processos alienantes. Tendo esse horizonte, o enfoque está em entender a dinâmica de constituição do processo de autoalienação, particularmente no modo com que ela é experienciada na apropriação de papéis sociais. Como destaca Jaeggi, a relação de um sujeito com um papel social pode ser tão rígido a ponto de impossibilitar que ele se aproprie de outros papéis. Assim, esse processo, necessariamente leva o sujeito à uma relação alienante e limitadora, visto que “cada indivíduo é tipicamente o portador de múltiplas funções sobrepostas, tanto privadas como públicas” (JAEGGI, 2014, p. 72).

1. *Objetivo geral*: Essa pesquisa pretende investigar, com base na obra *Alienation* de Rahel Jaeggi, cujo título original é *Entfremdung: zur Aktualität eines sozialphilosophischen Problems (2004)* a dinâmica de apropriação de papéis sociais como dimensão da alienação. Para tanto, nos guiaremos pela seguinte questão: Quais os principais contornos de uma apropriação não-alienada dos papéis sociais segundo a obra *Alienation* de Rahel Jaeggi?
2. *Objetivos específicos*: B1 - Apresentar como Jaeggi retoma as obras de Hegel, Marx e Heidegger; B2 - Apresentar a concepção de alienação construída por Jaeggi com destaque para três dimensões: alienação em relação a si mesmo (autoalienação); alienação em relação ao outro e, finalmente, alienação em relação ao mundo; B3 - Analisar os contornos da autoalienação com ênfase na apropriação dos papéis sociais; B4 - Responder, após os passos anteriores, a questão que orienta essa pesquisa: Quais os principais contornos de uma apropriação não-alienada dos papeis sociais segundo a obra *Alienation* de Rahel Jaeggi?

*Cronograma*

Cada um dos momentos do cronograma de execução apresentados a seguir será finalizado com uma reunião entre orientando e orientador.

Realizar, nos primeiros três meses, o objetivo apresentado em B1

Realizar, nos três meses subsequentes, o objetivo apresentado em B2 e relatório parcial

Realizar, entre o sétimo e o nono mês, o objetivo apresentado em B3

Realizar, nos últimos três meses, o objetivo apresentado em B4 e relatório final

*Bibliografia*

ALLEN, Amy. MENDIETA, Eduardo. *From Alienation to Forms of Life: The Critical Theory of Rahel Jaeggi.* The Pennsylvania State University, 2018.

COSTA, José Fernando Andrade. *A teoria crítica de Rahel Jaeggi: possibilidades de diálogo com a Psicologia Social Crítica latino-americana.* Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, 2019.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo.* Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FUCHS, Christian. The Internet, Social Media and Axel Honneth’s Interpretation of Georg Lukács’ Theory of Reification and Alienation. In: *Critical Theory of Communication: New Readings of Lukács, Adorno, Marcuse, Honneth and Habermas in the Age of the Internet*. London: University of Westminster Press, 2016.

HASSAN, Robert. The Condition of Digitality: A New Perspective on Time and Space*.* In:*The Condition of Digitality: A Post-Modern Marxism for the Practice of Digital Life*. London: University of Westminster Press, 2020.

HONNETH, Axel. *Disrespect: The Normative Foundations of Critical Theory.* USA: Polity Press, 2007.

JAEGGI, Rahel. *Alienation.* Translated by Frederick Neuhouser and Alan E. Smith. New York. Columbia University Press, 2014.

JAEGGI, Rahel. *O que há (se de fato há algo) de errado com o capitalismo? Três vias de crítica do capitalismo.* Tradução por Nathalie Bressiani. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, 2015.

JAEGGI, Rahel. Reply to My Critics*.* In: *From Alienation to Forms of Life: The Critical Theory of Rahel Jaeggi.* The Pennsylvania State University, 2018.

KELLER, Rene Jose. *Alienação/estranhamento e ser genérico nos Manuscritos Econômico-filosóficos de Karl Marx.* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro*,* 2018.

LINS, Bárbara Buril. “*A ausência de uma etiologia no diagnóstico da alienação”.* In*: “Como se forma a imagem que nos mantém presos: o déficit etiológico no diagnóstico das patologias sociais na teoria crítica contemporânea”.* Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Pós-Graduação Em Filosofia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução.* São Paulo: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos.* Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

MELO, Suzana Vasconcelos de. Alienação (Entfremdung) e estranheza (Fremdheit): dois paradigmas culturais do ocidente. In: *Pandaemonium Germanicum***. (Online)**,  São Paulo ,  n. 17, p. 1-24,  2011.

ORTEGA-ESQUEMBRE, César. *“*Social pathologies and ideologies in light of Jürgen Habermas: a new interpretation of the thesis of colonisation*”.* In: *Humanities & Social Sciences Communications.* University of Valencia, Valencia, Spain, 2020.

SILVA, Hélio Alexandre da. Alienação como dimensão constitutiva da pobreza*.* In*: Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], v. 2, n*. 16, dez. 2018.

SOUSA, José Crisóstomo de. Rahel Jaeggi e a reconstrução pragmatista da teoria crítica*.* Coluna ANPOF, 21/05/2020. Link: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/coluna-anpof/2606-rahel-jaeggi-e-a-reconstrucao-pragmatista-da-teoria-critica>

1. Optamos por traduzir “gestörte” por “distúrbio”, o conceito fora traduzido para o inglês como “disturbed”. Jaeggi chega a usar, além do termo “distúrbio”, o termo “relação deficiente”. No entanto, cremos que, o uso do termo “deficiente” em português pode remeter o leitor a um sentido que se assemelhe à impossibilidade de superação desse tipo de relação, enquanto o termo “distúrbio” parece se apresentar de forma mais maleável para o que entendemos como uma relação alienante. [↑](#footnote-ref-1)
2. Feuerbach utiliza o termo “gattungwesen”*,* traduzido aqui na versão em inglês como “species-being” eque pode ser entendido como “ser genérico” ou “ente genérico”. Em “A Essência do Cristianismo”, Feuerbach aponta que o ser genérico existe através da consciência, mas a “consciência no sentido rigoroso [esta que] existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua qüididade” (FEUERBACH, 1988, p.43). Nesse sentido, “Marx incorpora de Feuerbach a ideia de que o que caracteriza o ser humano é a capacidade de se relacionar de forma consciente com a sua espécie, com o ser humano genérico” (KELLER, 2018, p. 2259). [↑](#footnote-ref-2)
3. Traduzido do alemão *“Beziehung der Beziehunggslosigkeit”* para o inglês como *“relation of relationlessness”.* [↑](#footnote-ref-3)